

ANC

Anc X

# jornal da tarde

Publicado pelo S.A. O Estado de S. Paulo  
Av. Engenheiro Coetane Álvares, 35, tel.: 856-2122 (PABX).



26 MAI 1988

JÚLIO MESQUITA  
(1891 - 1927)

JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA  
(1927 - 1969)

Diretor Responsável

RUY MESQUITA

Diretores

José Vieira de Carvalho Mesquita  
Júlio de Mesquita Neto  
Luiz Vieira de Carvalho Mesquita  
Ruy Mesquita  
César Tácito Lopes Costa  
José M. Homem de Montes  
Oliveiros S. Ferreira

## Na praia de paulista vendo os outros levantando vôo

Todo paulistano sabe o que é a praia de paulista. Hoje, com o movimento do aeroporto de Congonhas praticamente reduzido aos aviões da ponte aérea, o fenômeno quase desapareceu. Mas praia de paulista era o terraço superior daquele aeroporto onde, nos domingos e feriados, os moradores da cidade que não tinham condições de viajar iam passar algumas horas sonhando, com a ajuda dos que podiam viajar. Ficavam ali, horas a fio, vendo o pouso e a decolagem de aviões e imaginando que um dia eles também poderiam, se Deus quisesse, estar dentro de um avião rumo a algum lugar maravilhoso. A expressão praia de paulista certamente foi invenção de algum carioca. No Rio, o carioca pobre pode sonhar com viagens de navio deitado nas areias de uma praia linda que é inteiramente grátis.

A imagem nos veio à cabeça ao lermos o noticiário dos jornais dos últimos dias sobre o que vem acontecendo, cada vez com maior intensidade, no mundo da modernidade, principalmente naqueles países em que a burrice humana já foi reduzida até ao ponto de se admitir que os capitais não têm pátria e não respeitam fronteiras, nem geográficas nem ideológicas, nos quais se acelera cada dia mais a livre circulação da prosperidade.

Os brasileiros imunes à idiotização nacional-soberanista, inconformados com a progressiva decadência do nosso outrora exuberante desenvolvimento, estão neste momento numa espécie de praia de paulista vendo, impotentes, pela leitura dos jornais ou por meio do rádio e TV, os povos da economia internacionalizada chegando aonde eles sonham um dia poder chegar.

No pólo oposto, os nacionalistas rançosos da Assembléia Nacional Constituinte preferem fazer vista grossa ao que acontece no mundo real para proclamar que "o mercado interno integra o patrimônio nacional e será incentivado de modo a viabilizar o desenvolvimento cultural e sócio-econômico, o bem-estar da população e a autonomia tecnológica da Nação...". Teriam esses doentes de regulamentorréia atentado para as transformações que estão ocorrendo na economia mundial, sobretudo nos países socialistas, que depois de décadas de dirigismo estatal estão restabelecendo os princípios básicos da economia de mercado?

Claro que não. Nossos retrógrados políticos nacionalistas provavelmente não leram as primeiras declarações do novo secretário-geral do PC húngaro, Karoly Grosz, ao jornal Magyar Hirlap, de Budapeste. "Chegamos há algum tempo" — disse ele — "à conclusão de que a doutrina do partido, em terrenos como a economia e a política social não resiste ao contraste com a realidade" (como a doutrina da nova Constituição brasileira). Essas palavras duras, especialmente para a tradição marxista-leninista, são o ponto de partida das reformas políticas e econômicas que o sucessor do velho Kadar pretende realizar para resolver a crise da economia húngara.

rias de companhias japonesas, que investiram nesses países para reduzir custos de produção.

Toda essa movimentação de capital deve parecer estranha ao bloco dos rançosos da Assembléia Nacional Constituinte, que apenas se preocupam em distribuir benesses sem pensar na construção de uma economia sólida e tecnicamente avançada para sustentar as "vantagens" que eles, demagogicamente, estão prometendo aos segurados da Previdência Social, às empresas nacionais e aos trabalhadores. Se dependesse deles, a industrialização dos últimos 30 anos no País não teria acontecido. Seríamos bem mais pobres, mas poderíamos orgulhar-nos de viver "livres do capital explorador" e freqüentando a praia de paulista para ver os outros levantando vôo...

E que diriam os patrimonialistas da nossa Constituinte se tomassem conhecimento da fala do primeiro-ministro soviético Nikolai Rízhkov, durante sessão do Soviete Supremo realizada esta semana, em defesa de um ousado (para os padrões soviéticos) projeto de incentivo ao lucro e à formação de cooperativas urbanas e rurais privadas? Rízhkov afirmou diante de muitos camaradas atônitos que "o setor estatal não estava à altura das reformas" e que as cooperativas privadas representam uma alternativa flexível para a produção de mercadorias reclamadas pelos consumidores no mercado. O primeiro-ministro soviético está convencido de que "o mercado deve ser o motor do desenvolvimento da produção" (e não patrimônio nacional). Mas não é só a Rússia de Gorbachóv que tem pressa para chegar à modernidade.

Na última terça-feira, o líder comunista Deng Xiaoping recebeu em audiência diretores do Chase Manhattan Bank, entre os quais se encontrava David Rockefeller, presidente do banco, e seu conselheiro, o ex-secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger. O dirigente chinês surpreendeu os visitantes dizendo que a China deve ser mais ousada em seus esforços para modernizar-se atraindo o capital estrangeiro. "Alerto com frequência meus camaradas para que sejam mais ousados", confessou ele.

Henry Kissinger diz que as reformas dos chineses são muito mais avançadas em determinados aspectos do que as do líder Mikhaíl Gorbachóv. "Eles realizaram coisas que os soviéticos nem pensaram", declarou o ex-secretário de Estado.

Os elaboradores da nossa nova Constituição também ignoram a crescente integração dos mercados mundiais e a enorme mobilidade que caracteriza os capitais produtivos. Exemplo típico dessa realidade são os investimentos de empresas norte-americanas em países europeus, que continuam a ser feitos, apesar da fraqueza do dólar, como registra o jornalista Louis Uchitelle, do The New York Times, em matéria que publicamos na última terça-feira.

Segundo informações do Departamento de Comércio dos EUA, o fluxo mais importante dos capitais americanos se dirige para a Europa, onde se localiza a maioria das subsidiárias das empresas do país. A Apple Computer ampliou sua unidade industrial na Irlanda, onde são produzidos computadores pessoais; a Cummins Engine Co. também está investindo em suas três fábricas de motores para caminhões na Inglaterra; e a Digital Equipment Corp. está montando uma fábrica de semicondutores na Escócia. Os motivos que levam essas empresas a investir fora dos EUA são o desejo de ficar mais perto dos consumidores, a necessidade de evitar barreiras comerciais e a vantagem do acesso à tecnologia estrangeira.

E os países europeus estão interessados em patrimônios mais úteis aos seus povos do que o mercado nacional... Mesmo porque os mercados nacionais da Europa Ocidental vão-se fundir num único e imenso mercado continental dentro de três anos e meio.

Os EUA não perderam a sua fé inabalável nas forças de mercado, só reclamando contra os países que, como o Japão, inundam o mercado americano com seus produtos e seus capitais, mas se fecham aos produtos ou aos investimentos americanos. Pressionados, porém, pelo governo de Washington, os japoneses estão abrindo seus mercados às exportações da Coreia do Sul, Formosa, Cingapura e Hongcong, países de industrialização recente. O fato mais significativo é que os produtos desses países (produtos eletrônicos, massas de preparo instantâneo e outros manufaturados) chegam ao Japão a preços mais competitivos que os similares nacionais. No ano passado, ajudadas por uma balança comercial favorável ao Japão, as vendas desses quatro países asiáticos no mercado japonês cresceram 50%, somando US\$ 19 bilhões. É interessante notar que uma parte importante de essas vendas foi feita por subsidiá-